IMAGENS DE UM *CABOCLO* EM LOANDA

Por *Altieres Edemar Frei* (CRP-08/20211), Assessor Técnico de Pesquisa do CRP-PR

É Loanda, não Luanda. Luanda é a capital de Angola, sétima maior população lusófona do mundo e, conta a história, com um porto que foi estratégico no tráfico de escravizados. Porto de partir: navios e as almas, diriam uns — quem dera fossem as correntes, diriam outros.

Loanda, na quina noroeste do Estado, é outra história. Ou parece ser – pelo menos se nos deixarmos levar pelo verbete da Wikipédia, aqui lido como sintoma do senso-comum-esbranquiçado: "os habitantes da cidade são na maioria descendentes de japoneses, italianos e espanhóis, que vieram para o Brasil na época em que o café era o principal produto do país".

É o que lá aparece escrito, inscrito, proscrito como fiapo de um discurso maior: como se, até então, aquela fosse uma terra-de-ninguém. Até que, quase por um passe, viesse o progresso, a ocupação planejada do noroeste paranaense, com seus empreendimentos e agronegócios, trazendo a reboque o projeto de um país do futuro. Branco.

Dito assim, o projeto colonial no Paraná quase nem parece ter sido sanguinário: alguém já ouviu falar da quase-comuna Guarany não muito longe dali que estima ter concentrado 200 mil indígenas no século dezesseis sob as missões jesuítas da América espanhola? Ou das resistências indígenas às barbáries das bandeiras paulistas?

Parece história pra boi dormir, canção de ninar soja de quem adora passar o trator, mas diz muito: com quantos extermínios e catequizações se forja um pasto, um povo e sua história? Ainda mais dito dali, daquele lugar: Loanda, que não é Luanda, tem um "monumento" regional em seu território — o Hospital Psiquiátrico Nosso Lar.

Durante a etapa da Cartografia da RAPS estive lá. Vi, logo em minha chegada, quase uma dúzia de ambulâncias, vans e outros veículos brancos ancorados nas imediações com seus adesivos do SUS: davam ares de romaria à cena.

Fui muito bem recebido no Nosso Lar. Ouvi que o hospital conveniado ao SUS pertence a uma organização espírita que se esparrama por outros quarteirões onde passes e outras formas de assistências eram ofertadas.

Andei por seus corredores, que em muito lembravam a estrutura clássica daquelas instituições dos anos 70. Figurantes de todos os tipos passavam como espectros pra lá e pra cá enquanto conversava com minhas interlocutoras: vi pessoas vestidas de branco, vi pessoas sentadas no murinho do pátio, vi olhares curiosos.

Vi a academia com aparelhos de musculação, que estava fechada. Vi a sala de medicação com pílulas e copos plásticos, que estava aberta. Bem em frente ao pátio, vi um cubículo de gramado: seus poucos metros quadrados de verde destoavam em meio aos muros ocres impregnados de um rodapé forjado pela terra vermelha.

E foi então que o vi, ali onde a cor era mais forte. Ele andava a passos ritmados, como se fosse um atleta dando voltas no campo. Tinha os cabelos negros, vastos, lisos, que pareciam tocar-lhe os ombros. Era alto. Vestia uma camiseta branca e uma calça jeans. Pisava descalço. A pele do rosto era todos os tons de terra que tinha visto ali fora: rubra, roja, sangue pisado. Parecia ter até suas fissuras.

Assim o vi: um *cabloco* em Loanda — como, não raro, se diz das pessoas de etnias ameríndias no interior.

O termo pode até conter um certo significado pejorativo em alguns lugares, mas aqui recebe o significado próprio da força da natureza de que está imbuído quem sobrevive à colonização.

E ele andava. Como se desse volta em quarteirões. Como se rondasse o terreiro. Como se resistisse ou ainda existisse em meio a todas aquelas colonizações. Parecia conquistar, com seu movimento, outro espaço para si, outra história, outra contratualidade em meio aos demais corpos em banzo na inércia do internamento.

Não parecia eufórico, nem desesperado. Era, com o perdão do trocadilho, paciente. Era sereno em meio ao sol e aos muros de lá. E parecia inatingível em seu desejo (*acting out?*) de só andar, sobre um quadrado de grama. Um caboclo, mas também um tipo guerrilheiro semiótico.

Eu entrei e saí de salas, dei bons dias e boas tardes, mas bastava olhar o gramado e lá estava ele, cabisbaixo, andando: persistia silencioso. Eu agradeci aos números e dados que me foram ofertados, tomei nota do fluxo da RAPS que faz daquele último hospital psiquiátrico antes da fronteira do Estado um espécime *vintage* e quase invisível em meio à paisagem.

Quando saí, resolvi ver a cidade: Loanda, não Luanda. Dirigi por alamedas largas que pareciam geometricamente riscadas por bicicletas estreitas. Vi o prédio do fóssil-cinema que parecia contar a história de um futuro cosmopolita que não veio, bem ali na praça central, quase na sombra daquela cruz da igreja. Mas, ainda assim, projetava a imagem do tal caboclo: era como se ainda o visse andando no gramado.

Cá entre nós, até agora o vejo. Como um espectro que teima em existir, como uma história que insiste em ser contada. Como um lembrete de que lá (como cá) tantos povos indígenas foram assassinados, varridos, catequizados em nome de palavras e doenças que não conheciam. E, como viria a aprender, não há fundo mais apropriado para projetar imagens da colonização e do racismo do que um hospício. Ainda que seja, para alguns, o Nosso Lar.

Afinal, trata-se em certa medida de ver ali um monumento da imposição de uma cultura sobre outra, em nome do signo-doença; trata-se ali de uma razão forjada com muros e copos de plástico contendo pílulas que transparecem, em seu interior, uma outra história de colonizações. De dentro de seus muros, vê-se tons de senzalas, tais quais aquelas das monoculturas do período colonial com seus escravizados: *plantations, protótipos de Awschwitz*. Uma história que teima em não passar.

O hospício ainda está lá, com seu porto de ambulâncias e veículos com adesivos do SUS estacionados. O hospício ainda está aqui, aquém da retina. Loanda ou Luanda: as colonizações e suas histórias parecem atualizar-se em novos tons.

Mas, em meio a isso, a imagem de um caboclo persiste, insiste, resiste àquelas paredes brancas manchadas de terra vermelha, aos copos de plástico branco, aos jalecos brancos e a toda aquela inércia de um tempo suspenso.

Passe, caboclo de guerrilha semiótica. É assim que o vejo.

Afinal, dizem que política é uma questão de percepção. ■